

O PROJETO OURO PRETO CIDADE MUSEAL E OS ECOS DE 1972

(Apresentação oral)

Esta apresentação é parte integrante do projeto de Pesquisa *Ouro Preto Cidade Museal*, em desenvolvimento no departamento de museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, que busca desenvolver uma análise diferenciada da cidade de Ouro Preto abordando-a sobre o conceito de musealidade.

Ouro Preto desde o início do século XX passou por processos de valorização que tiveram como consequência sua nomeação na década de 1930 como patrimônio nacional, pelo IPHAN, e na década de 1980 como Patrimônio Mundial pela UNESCO. A cidade percebida enquanto patrimônio passou por transformações e controle do traçado urbano, desenvolvendo certa unidade urbanística, que poderia ser compreendida como tentativa de congelamento do tempo, ou ainda, manutenção de uma memória ligada ao passado colonial. Tais medidas esconderiam a história posterior da cidade, inclusive o tempo presente. O sentido evocativo e comemorativo da cidade-patrimônio não concebe o habitante como agente transformador da cidade, produzindo uma sensação de distanciamento e descontentamento com o patrimônio, como se observa constantemente com os moradores de Ouro Preto. Porém, os elementos urbanos, neste caso monumentos tombados, estão em constante uso, portanto dentro da experiência cotidiana da população. Seria enganoso reproduzir o discurso evocativo e culpar o habitante por este distanciamento, alegando falta de conhecimento e interesse sobre o patrimônio. Compreendemos que esta sensação por parte do habitante se dá pela maneira de conceber e valorizar o espaço urbano como bem patrimonial.

Aproximar as pessoas de seus bens patrimoniais não é um desafio de hoje. Estas questões foram levantadas pela museologia em 1972, quando ocorreu a Mesa Redonda de Santiago do Chile. Em depoimento, Huges de Varine (Varine, 1995) diz que a mudança nas ideias no encontro surgiu a partir da fala do urbanista argentino Jorge Enrique Hardoy, quando todos os especialistas em museus presentes se deram conta de como suas instituições não acompanhavam a realidade das grandes modificações urbanas ocorridas. E a partir dessa ignição e com a participação de outros especialistas, o grupo começou a desenvolver o conceito de Museu Integral que aparece na declaração, sendo para Varine aquilo que dá ao documento de Santiago característica inovadora, juntamente com a ideia do museu como instrumento de mudança social. Além de apontar a ideia de patrimônio global, “uma ampliação que considera o homem, o meio ambiente, o saber e o artefato, ou seja, o real na sua totalidade” (Santos, 2008, p. 86).

As mudanças geradas por esse encontro obviamente não se deu apenas dentro das instituições, mas principalmente na Museologia. Não a por acaso a compreensão da Museologia como estudo da relação específica do homem com a realidade, começou a ser desenvolvida por Stransky na década de 1970 (Mensh, 1994, p.11). Nesta relação, a musealidade, a capacidade de artefatos serem documentos e vetores de informação, é um elemento que mobilizado expressa as funções sociais destes artefatos. Neste sentido, o movimento da Nova Museologia, da década de 1980, dá às propostas da Mesa Redonda de Santiago do Chile um aspecto embrionário, pensando o Museu Integral, fator de transformação social, utilizando da musealidade como ferramenta para estabelecer uma relação entre homem e realidade que permita o desenvolvimento, relacionando museu e cotidiano, estendendo a instituição para o território. Santos (2008, p. 86) considera que este momento é um marco para o processo museológico: que substitui o sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade.

Os postulados do Encontro de Santiago do Chile e seu desdobramento, a Nova Museologia, dão ao projeto dois precedentes para se abordar a cidade-patrimônio: o território

e sua musealidade. Menezes (2003, p. 275), em sua reflexão sobre museus de cidade, nos põe que “o museu de cidade deveria operar a cidade como o ecomuseu opera o território”. A cidade abordada enquanto bem cultural, ao ser devidamente trabalhada, serve de ferramenta para compreensão da realidade urbana, que ajudará no planejamento e desenvolvimento da cidade. Para isso, o autor nos propõe compreender a cidade sobre três dimensões: a cidade artefato, campo de força e representação social. Neste, sentido a musealidade inerente aos artefatos, devidamente aplicada à cidade, permite operar informações de maneira a evidenciar suas linhas de forças e as diversas representações impressas sobre sua materialidade, na qual não se evidencie apenas o valor cognitivo (documental, estético), mas principalmente os valores de uso, os lugares (Menezes, 2003, p. 275). Essas considerações indicam a possibilidade de uma nova abordagem espacial da cidade-patrimônio que permita a “reconciliação” de habitante e patrimônio.

Compreendemos lugar a partir do que desenvolve Doreen Massey (2008), um acontecimento, onde se cruzam espaço e tempo, portanto um devir múltiplo. Ouro Preto é testemunho de um momento. Este espaço, que nomeamos Patrimônio, o valor informacional pode ser lido de várias maneiras hoje e amanhã, portanto uma construção mutável, portanto lugar. O lugar é um espaço onde ocorrem trocas e interações de agentes. Lugar é o ponto de encontro de narrativas e de trajetórias. A cidade museal é ferramenta conceitual que talvez permita mais uma justaposição à cidade-patrimônio: a da operação de informações. A transformação de Ouro Preto em cidade-patrimônio acrescentou a cidade um novo sentido, este sentido justaposto ao artefato cidade e à noção de lugar, apontará para outros, presentes nas tensões e negociações impregnados à dinâmica urbana. Colocando em evidência essa dinâmica de tensões, talvez seja possível recolocar a população comum na escritura da história da cidade. Trata-se, portanto, da opção de trabalhar considerando a “musealidade da cidade” como uma forma de buscar a construção das identidades nesse espaço urbano levando em consideração a permanente negociação entre o individual e coletivo, oficial e informal, renovação e conservação.

O projeto parte da problemática da cidade-patrimônio, para buscar leituras plurais da cidade. Analisando estudos de casos que realizam leituras de Ouro Preto, e que permitam direcionamentos para elencar as possíveis ferramentas a se mobilizar para a abordagem da cidade em sua musealidade. O primeiro deles foi o Projeto Passos de Guignard do Museu Casa Guignard, que constrói um circuito na cidade, aquele através do qual perambulou Guignard, circuito que está representado nas suas obras. Dessa maneira, o tratamento museal dado a estes lugares remete a uma relação específica de Guignard com a cidade, podendo suscitar no sujeito esta mesma relação de identidade. Essa ação se assemelha à proposta de Menezes (2003), de acervos operacionais, que neste caso permite aos sujeitos uma experiência própria com a cidade que por sua vez geram narrativas diferentes. Justapondo narrativas individuais à narrativa da cidade-patrimônio.

As reflexões que começaram a ser gestadas em Santiago (1972) transformaram os conceitos da Museologia enquanto campo do conhecimento e estes conceitos servem de precedentes a Pesquisa *Ouro Preto, Cidade Museal*, dando condições para se pensar Ouro Preto, cidade patrimônio, dentro de uma nova perspectiva espacial, desenvolvendo novos estudos de caso. Em última análise não fugimos das recomendações de Santiago, pois partimos da ideia de evidenciar a dinâmica urbana, para suscitar reflexão sobre a cidade, bem como dar uma nova possibilidade de abordagem ao patrimônio cultural, que permita uma nova ação ao processo de patrimonialização que por vezes separa patrimônio e população.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, José Neves; COELHO, Priscilla Arigoni. **Musealidade: um conceito para o estudo da cidade.** In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.** Rio de Janeiro, 2010.

BITTENCOURT, José Neves; COELHO, Priscilla Arigoni; SILVA, André Leandro. **Musealidade como ferramenta de descoberta: Guignard em Ouro Preto, Ouro Preto em Guignard.** In: **Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus, 2011, p. 3268-3279.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Delineamentos para uma teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material (Nova Série, vol.1,1993).** São Paulo: Museu Paulista/USP, 1993, p. 237-267.

CURY, Marília Xavier. **Capítulo 1 – O campo de atuação da Museologia.** In: CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005, p. 19-48.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo.** São Paulo: Annablume/ FAPESP/ SESC, 1997.

ICOM (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS). **Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972. Cadernos de sociomuseologia (Nº 15, 1999) 111-121.** Lisboa: Universidade Lusófona de Tecnologia, 1999

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: Uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENESES, Ulpiano T. B. **O Museu de cidade e a consciência da cidade.** In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos *et al.* **Museus e cidades.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 262.

MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da Museologia.** Trad. de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estavam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994.

MOTTA, Lia. **O SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios.** In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (nº22, 1987).** Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória, 1987, p. 108-122.

MUSEU CASA DE GUIGNARD. **Projeto Guignard.** Belo Horizonte e Ouro Preto: Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais/ Museu Guignard, 2008. Disponível em <http://www1.cultura.mg.gov.br/museuguignard/projetoguignard/index.php?acao=busca_projeto>. Acesso em 15 de junho de 2012.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Reflexões sobre a Nova Museologia.** In: SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu.** Rio de Janeiro: MINC/ IPHAN/ DEMU, 2008, p. 72-98.

VARINE, Huges. **A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago.** In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAUJO, Marcelo Mattos (org.). **Memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos.** Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 17-25.